

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
21 de Abril de 2025

A MILLION BID / 1927
(A Mulher Vendida)

Um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz / Argumento: Robert Dillon, baseado numa peça teatral de George Cameron / Direcção de Fotografia: Hal Mohr / Interpretação: Dolores Costello (Dorothy Gordon), Warner Oland (Geoffrey Marsh), Malcolm McGregor (Robert Brent), Betty Blythe (Mrs. Gordon), William Demarest (George Lamont), Douglas Gerrard (lorde Bobby Vane), Grace Gordon (criada dos Gordons), etc.

Produção: Warner Brothers / Cópia: 35 mm, preto e branco, muda com intertítulos em italiano e legendada eletronicamente em português / Duração: 79 minutos, a 20 imagens por segundo / Registo de estreia em Portugal, mas sem indicação de data nem de salas de cinema.

Com acompanhamento ao piano por João Paulo Esteves da Silva.

A Million Bid foi o segundo filme americano de Michael Curtiz, tal como o primeiro (**The Third Degree**, no ano anterior, 1926) feito na Warner, casa produtora em que permaneceria por muitos anos. É outra raridade muito pouco vista ao longo dos tempos, que sobreviveu apenas através de uma cópia que se julga incompleta, e preparada para a distribuição em Itália – o que justifica, como vamos ver nesta cópia trazida da Library of Congress, os intertítulos em italiano.

Ao contrário de outros europeus (Lubitsch, por exemplo), Curtiz não chegou a Hollywood com nenhuma aura especial, não se tratava de nenhuma grande “contratação”, não era um nome que os espectadores automaticamente identificassem com uma aura de “prestígio”. No fundo, apenas mais um empregado do estúdio, papel que ele já conhecia bem da Europa (embora aí, sim, e sobretudo na Hungria natal, com outra dimensão e outro significado) e que a que nos Estados Unidos se adaptou rápida e perfeitamente. Adaptação que, de resto, lhe garantiu não só a sobrevivência como a ascensão relativamente célere na hierarquia dos realizadores preferidos dos produtores e executivos da Warner, e que marca toda a sua carreira norte-americana, até mesmo na altura, década de 1940, em que se tornou “produtor de si próprio” em regime semi-independente.

A Million Bid, filme a que é difícil reconhecer algum toque especial para além de uma tarefa bem executada (mas não muito reconhecida: o filme terá ficado aquém das expectativas do “box-office”), tem todo o aspecto de uma produção relativamente rotineira. A história, tirada de uma peça teatral escrita por uma autora que assinava com

pseudónimo masculino, é mirabolante na sua mescla de elementos classicamente melodramáticos e de elementos dignos de uma ficção pseudocientífica, com os seus amores traumáticos e cruzados, mas também com contornos pouco usuais (a “comercialização” da rapariga pela própria mãe, aristocrata arruinada; aquilo a que hoje se chamaria um retrato da “violência patriarcal”, etc), e a parte da intriga que envolve intervenções cirúrgicas ao cérebro e restituições de memórias apagadas através do bisturi (uma espécie de sublimação “positivista” do freudianismo) – como se isto fosse o produto de um pré-pré-pré Cronenberg (não é, mas enfim, achamos uma certa graça à imagem). Apesar de algumas cenas mais espectaculares, de algum uso criativo, mas discreto, daqueles processos fotográficos tão cultivados no tempo do mudo (as sobreimpressões, por exemplo), é um filme maioritariamente feito em interiores, e muito dependente de diálogos não-filmados, ou melhor dizendo, de diálogos não-gravados, substituídos pela leitura dos intertítulos. Nesse sentido, reconhecendo a competência geral do filme, e até o emprego sistemático de efeitos de iluminação a que talvez não seja estranho o lastro europeu trazido por Curtiz, dir-se-ia dele o contrário do que dissemos do *Victory* de Maurice Tourneur aqui mostrado há umas semanas noutro contexto (o do ciclo Conrad): se esse, sendo um filme de 1919, parecia estar à frente do seu tempo, aproximar-se daquela grande maturidade do mudo em meados dos anos 20, **A Million Bid** parece bem mais antigo do que de 1927. Ou apenas, e se calhar mais justamente, apenas um exemplo de uma produção de rotina de estúdio (estamos habituados a que do mudo americano circulem quase exclusivamente as grandes obras-primas e os grandes projectos de estúdio ou de autor), que merece todo o interesse numa perspectiva arqueológica, historiográfica, mas não muito mais do que isso.

Luís Miguel Oliveira